

Restaurando com imagens um percurso intelectual: a trajetória de Ruth Cardoso

Ana Luiza Carvalho da Rocha*
Cornelia Eckert**

O projeto da “ação”...

Alfred Schutz, o maior representante da sociologia fenomenológica do século passado, sugere o conceito de projeto como central para tratar do tema das motivações conscientes e inconscientes da ação no mundo da vida cotidiana, sobretudo ao abordar a construção de trajetórias orientadas por experiências de vida. Ele sugere a ideia de um “projeto da ação” para reconhecermos as ações humanas planejadas e imaginadas que produzem conhecimentos intrageracionais, uma memória partilhada.¹ Como temos por finalidade neste artigo trazer o exemplo de uma pesquisa que objetiva evocar as imagens em que reverberam as memórias intrageracionais de um percurso singular, o da antropóloga Ruth Cardoso, à guisa de introdução, situamos nossa prática como um projeto de ação, ou talvez melhor, de criação (Durand, 1984), ou ainda de transcrição (para recorrermos ao poeta Haroldo de

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Trata-se da noção de memória intrageracional sugerida por Alfred Schutz na obra organizada por Helmut R. Wagner, com textos escolhidos de Schutz, intitulada *Fenomenologia e relações sociais* (Schutz, 1979, p. 27, 28).

Campos), pelo ato de arranjarmos as imagens em que reverberam as experiências narradas pela entrevistada. O exercício fílmico é um “ensaio dramático” (Schutz, 1979, p. 27), que idealiza a duração do presente pensado e vivido e, no nosso caso, em função da problematização tanto dos tempos da trajetória do conhecimento antropológico pelo qual a narradora configura um campo semântico reflexivo, quanto dos tempos das próprias cidades lembradas em múltiplas e complexas camadas de duração.

Para compreender a motivação da realização de um documentário “etnográfico” que traz a narrativa de Ruth Cardoso sobre sua trajetória intelectual, é importante, antes de mais nada, contextualizar esta produção no âmbito da pesquisa antropológica com imagens. Este estudo faz parte de um projeto desenvolvido na interface de duas linhas de pesquisa: a antropologia urbana e a antropologia da imagem, que orientam nossos estudos no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS, IFCH e ILEA/UFRGS). Criado em 1997, o BIEV reúne as pesquisas das autoras sobre a memória coletiva, os itinerários urbanos e as formas de sociabilidade dos habitantes das cidades contemporâneas, cujos dados são digitalizados em um banco informatizado de informações etnográficas.

Na modalidade de um banco de conhecimento, construímos coleções etnográficas com imagens visuais, sonoras e textuais a partir de pesquisas antropológicas nas cidades brasileiras. Trata-se de um projeto que objetiva interpretar a cidade como objeto temporal, criando narrativas imagéticas em multimídia ou produções hipertextuais para circulação em Internet ou base digital. A metodologia desenvolvida em diferentes suportes (fotográficos, videográficos, sonoros, textuais) refere-se tanto à produção etnográfica quanto à pesquisa em acervos históricos para inventariar fotografias, filmes, material sonoro, artístico e museológico, triados e construídos na forma de coleções de imagens intimamente relacionadas com a dimensão simbólica que configura a prática etnográfica como “experiência hermenêutica” (Gadamer, 1993), a qual acompanha o processo de construção do conhecimento antropológico. Os pesquisadores do grupo, orientados pelas autoras, desenvolvem pesquisas etnográficas desde a graduação até a pós-graduação, envolvendo tanto a produção de imagens com fotografia, vídeo, som e escrita, quanto pesquisa com o tratamento documental de imagens de acervos, por intermédio do método de convergência (Durand, 1984) de inspiração bachelardiana.

No procedimento adotado no BIEV com coleções etnográficas, a partir do método de convergência, a produção e o tratamento das imagens são a

própria pesquisa em antropologia urbana. Tais imagens são pensadas desde a perspectiva do que D. MacDougall (1998) denomina “filmes de memória”, ou seja, imagens que se originam da reflexão sobre esse tempo que vai do momento da captação da imagem até a sua edição, e que são produzidos por meio de certo distanciamento do momento presente, imediato; do encontro etnográfico, refletindo sobre processos sociais e formas culturais de viver e pensar o tempo, que só podem ser expressos através de um rico conjunto de imagens.

Com o intuito de tratar das condições temporais do processo de fabricação do campo conceitual da antropologia urbana, o projeto “Narradores Urbanos: antropologia urbana e etnografia nas cidades brasileiras” busca as imagens que compõem as narrativas dos atores das cidades brasileiras ao lado de um estoque de imagens fotográficas e filmicas antigas a que se referem os antropólogos entrevistados.

Narradores urbanos

A pesquisa com a antropóloga Ruth Cardoso pertence a um projeto maior, criado em 2003, de coleção etnográfica das cidades pesquisadas pelos antropólogos “urbanos” brasileiros, um estudo de suas trajetórias intelectuais. A coleção documental com os narradores urbanos consiste na produção videográfica sobre as gerações de antropólogos brasileiros que fundam e se formam na linha de pesquisa da antropologia urbana no Brasil e na linha de estudo das sociedades complexas, configurando uma “comunidade interpretativa” (Rabinow, 2002). Dos antropólogos brasileiros, optamos por construir a rede de intelectuais de duas gerações. Pertencem a essa rede de diálogos a antropóloga Eunice Durham e sua orientanda Ruth Cardoso, ambas com formação na USP. Elas se dedicaram ao tema do processo de proletarianização dos imigrantes rurais no cenário paulista em que se consolidava um parque industrial. Outro narrador, Gilberto Velho, foi orientando de Ruth Cardoso e se dedicou a estudar os estilos de vidas de grupos urbanos pertencentes a camadas médias no Rio de Janeiro. Ainda outros alunos dessas duas mestras que entrevistamos foram Antônio Augusto Arantes (Unicamp), José Guilherme Magnani e Tereza Caldeira (USP), com pesquisas no contexto paulista, e Alba Zaluar (UERJ), no Rio de Janeiro. Pertence ainda a essa rede dialógica o antropólogo Ruben George Oliven (UFRGS), com dissertação e tese sobre Porto Alegre, entre outros.

O mote é tratar do campo intelectual de formação e de reflexão desses cientistas que fundaram e consolidaram os estudos de antropologia urbana no Brasil. Essas vozes narram as imagens e os conceitos de suas formações intelectuais a partir de um arranjo das experiências temporais vividas como significativas para configurar uma trajetória de pesquisa e de ensino, convergindo com nossa proposta de desenvolver uma etnografia da duração² (Eckert; Rocha, 2005).

Para cada “narrador urbano” foi proposto um roteiro interpretativo e um deslocamento nos espaços da cidade de sua pesquisa. O percurso da *flannerie* é sugerido por eles e pressupõe uma ambientação dos temas e dos conceitos centrais em suas obras. A pergunta que busca a motivação da reciprocidade é sobre os lugares-imagens da cidade que se relacionam com as questões conceituais que desenvolveram os pesquisadores para a escolha do tema, o recorte do universo, os objetivos e as hipóteses, os desafios epistemológicos e as reinvenções etnográficas de pesquisar na cidade.

Foi assim que Gilberto Velho caminhou com a equipe nas ruas de Ipanema e no Museu Nacional (onde trabalha); Ruben Oliven optou por um itinerário em bairros tendo por motivação as reminiscências de seus ciclos de vida e universos de seus estudos de dissertação e tese; José Guilherme Mag-nani escolheu lugares em São Paulo para refletir as categorias de pedaço e mancha: caminhadas no “Minhocão” ou em bairros de segmentos médios em meio à população circulante, a etnografia de dentro e de fora replicava seus estudos urbanos; outros narradores optaram por não se deslocar por motivos diversos, como Eunice Durham e Tereza Caldeira. Ruth Cardoso nos recebeu no local de seu trabalho em 2004, envolvida nos projetos da Comunidade Solidária, em São Paulo. Nestes casos, são as reminiscências que evocam as imagens da inteligibilidade narrativa.

Na escuta atenta, os pesquisadores do BIEV triaram fotos, reportagens, trechos de livros e periódicos, imagens das experiências geracionais no esforço de rerepresentar a trajetória intelectual como uma obra temporal. É fundamental aqui reconhecer a ritmanálise (Bachelard, 1988) dos tempos vividos evocados para acordar uma trama à continuidade da narrativa.

2 A etnografia da duração segue o método da convergência e a epistemologia do significado em Gilbert Durand (1984).

A exegese de um percurso intelectual: as palavras de Ruth

O documentário em que nos detemos para comentar neste artigo versa sobre a trajetória intelectual de uma das mais importantes antropólogas brasileiras, que teve por tema-base de sua obra o estudo das dinâmicas das mudanças culturais e sociais nas cidades moderno-contemporâneas no Brasil. A professora Ruth Corrêa Leite Cardoso, junto com Eunice Ribeiro Durham, na USP, foi responsável pela criação de um campo de pesquisa fecundo de antropologia urbana e das sociedades complexas no Brasil. Sua narrativa é para nós, equipe de pesquisadores, não um testemunho sobre a antropologia urbana, mas é a própria antropologia urbana configurada em seu relato como um campo semântico a partir de imagens fixas e em movimento sobre as cidades e, em especial, retratando a cidade de São Paulo. Imagens lembradas que acomodamos no interior dos jogos de sua memória intergeracional.

No processo de entrevista-filmada, interagindo com a intriga sugerida pela equipe, são múltiplos os eventos vividos em sua experiência intelectual e pessoal. Ruth Cardoso narra sua trajetória acadêmica entrelaçando sua pertença a São Paulo ou a outros lugares e paisagens evocados nas imagens pesquisadas.³ São imagens que, para nós, remetem a uma escrita etnográfica da duração que compartilha as aventuras antropológicas da vida urbana (título de uma obra de sua autoria), estetizando as imagens segundo a dimensão de suas lembranças sob a égide da função ostensiva da imaginação.

Ela fala de São Paulo assim como fala de sua trajetória: a dissertação sob a orientação de Egon Schaden (USP) trata da imigração japonesa e das transformações que essa comunidade conhece no processo de renovação política e econômica do país na construção do Estado-nação. Defendida em 1959, intitulava-se *O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses*, e tratava de questões da inserção social e rearranjos de formas de vida dos imigrantes nas cidades paulistas, sobremaneira em São Paulo.

Já o título de doutorado é retardado pelo exílio no Chile até 1968. Defende o doutorado em 1972, sob a orientação de Eunice R. Durham, sobre as estruturas familiares e a mobilidade social dos japoneses na cidade de São Paulo.

3 Ela trabalhou na França, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Em 1994, seu marido, Fernando Henrique Cardoso, foi eleito presidente da República, e reeleito em 1998. Ruth Cardoso desenvolveu então um projeto denominado Comunidade Solidária, com sede na Avenida Angélica, em São Paulo.

Sua evocação de cenários e acontecimentos nos orienta na ação de pesquisar inúmeras fontes secundárias sobre São Paulo e sobre a vida de Ruth Cardoso. Figuras fixas do passado suspensas pelo instante fotográfico (dado o caráter indireto e mediato da duração), nosso esforço na edição foi o de restabelecer uma identidade entre o sentimento do presente e o espírito do passado, impondo uma força de sentido de duração.

Nós entendemos que nossa ambição de recriar a trajetória dessa narradora urbana, apoiando-nos em imagens fixas e em movimento, não é o ato de copiar e reproduzir o real. Em revanche, convém aqui acentuar os valores que se sobrepõem em uma disposição de representações coletivas pela construção da intriga da configuração narrativa do relato da antropóloga.

No estudo da prática de combinação das imagens fixas e em movimento no documentário a propósito da trajetória intelectual dos narradores urbanos e, aqui, especificamente, de Ruth Cardoso, nós refletimos sobre os efeitos de sentido que produzem as fotografias, em especial, as fotos que recriam ritmos temporais diversos na cidade de São Paulo em seus complexos processos de formação, criação, consolidação do trabalho industrial e do desenvolvimento urbano. As dinâmicas do mundo citadino, marcadas na modernidade pelas determinações sociais de desigualdade, empobrecimento e marginalização, configuram um campo privilegiado de problemas na reflexão da intelectual, destacadamente no que a implica ética e politicamente à pesquisa antropológica.

Ao propormos, na edição, os estados sucessivos de organização deste campo interpretativo de conceitos caros à antropóloga e aos pesquisadores da linha de antropologia urbana no Brasil, no quadro temporal da narrativa dos antropólogos narradores, nós trabalhamos o enquadramento descontínuo dos estoques de imagens antigas da cidade de São Paulo que se ligam em uma hierarquia de instantes (inspiração em Bachelard, 1992). Para construir o que sugerimos como uma etnografia da duração, nossa proposta de documentar consiste:

1. em dar sentido às lembranças do tempo vivido pela antropóloga na cidade, ordenando uma relação destas com um estoque de fotografias de São Paulo;
2. em dar sentido às suas experiências singulares no campo intelectual das ciências sociais, recorrendo a um estoque de fotografias sobre a velha São Paulo de suas lembranças, com imagens do processo de mudança do

Estado-nação e da efervescência dos movimentos políticos em que se engaja;

3. e, ainda, em trazer para a proximidade das imagens narradas e pesquisadas as imagens animadas da cidade de São Paulo, gravadas a partir do pré-roteiro de filmagens feitas pela equipe no presente etnográfico, e que se constituíram, durante o processo de montagem e edição do documentário, em imagens de um “passado vivido” pela antropóloga agora reinterpretadas na edição final.

A imagem e os conhecimentos temporais

Colocando em ação as imagens no documentário, constatamos que elas são dispostas na ordem de sentido dos nossos reconhecimentos das reverberações dos jogos de memórias sociais e coletivas da personagem narradora. Dessa forma, o documentário é uma narrativa tanto dos antropólogos envolvidos no processo de filmagem quanto dos pesquisadores na consulta a acervos em outro contexto conceitual. Cada imagem selecionada segue o roteiro orientado para figurar o espírito de uma época, de um movimento geracional, compartilhando das narrativas sobre as reflexividades e as consciências que revelam atores sociais e agentes culturais em uma pluralidade de organizações e instituições em ação.

Para nós, este ato de criação das imagens é o da construção de uma duração “com os instantes sem duração”, como nos ensina Gastón Bachelard (1992, p. 20). Neste ínterim, podemos sugerir que a imagem fixa ou em movimento, figurativa ou abstrata, não se reduz às evidências do real, posto que antes de ser signo, ela é símbolo por excelência (Durand, 1989), ou seja, tanto a fotografia quanto o filme ou vídeo e o som registrados enraízam-se no interior da consciência imaginativa daquele que é o criador, razão pela qual a imaginação é a recondução dos objetos sensíveis no mundo das ideias e vice-versa: expressividade dos gestos, a restituição de uma atmosfera, a transmissão das emoções etc. (Durand, 1984).

Insistimos aqui na importância de ultrapassar a simples aproximação da história das técnicas da narrativa fílmica e da sucessão de imagens fotográficas para colocar em alto relevo a proposta de uma etnografia da duração. Essa metodologia relaciona os sentidos entre as imagens fixas e em movimento, sejam elas de acervo, pesquisadas em coleções ou bibliografia, sejam da nossa

produção etnográfica. Do ponto de vista da memória compartilhada, a narrativa nos encaminha a uma tripla atribuição da memória: “a si, aos próximos e aos outros” (Ricoeur, 2001, p. 163, tradução nossa).

Algumas considerações são agora úteis para justificar o método de convergência (Durand, 1984; Rocha, 2008) em que nos apoiamos para escolher a trama entre as imagens fixas e em movimento no caso dos nossos documentários que problematizam as memórias e os tempos vividos. O método de convergência nos permite aceder ao fluxo das imagens (*conquista adaptiva* ou *recusa motivadora*) diante das censuras culturais, sendo construído e reconstruído desde a sua imobilidade no interior de determinadas constelações, segundo seus respectivos núcleos de sentido. Pela ambiguidade fundamental que contempla toda a imagem simbólica é que as coleções são assim montadas e desmontadas segundo as ordens dos fluxos de sentido que as suas formas tecem entre si, e é nesse processo que se situa o trabalho do antropólogo em seu esforço de compreender o semantismo dos símbolos que as configuram (Rocha, 2008).

Este método considera as vastas constelações de imagens das mudanças nas cidades brasileiras. São imagens criadas no contexto de uma reflexão sobre a memória coletiva de seu corpo coletivo, como os filmes “memória”, a fim de exprimir a maneira como pensamos a passagem dos tempos e das discontinuidades. São constelações de imagens mais ou menos constantes que parecem estar estruturadas por certo isomorfismo dos símbolos (a crise econômica, a crise política, o desenraizamento, o progresso, a massificação pelo trabalho, a pobreza e marginalização, o crime etc.).

Entendemos que a imagem, seja ela fotográfica, filmica, videográfica ou sonora, faz apelo à imaginação desde o momento em que há a escolha dos dispositivos técnicos pelo registro do mundo cósmico ou social, e simultaneamente pela escolha dos dispositivos dramáticos e dos dispositivos cenográficos.

Na imagem em movimento, estes três dispositivos são reunidos no momento da filmagem na perspectiva do enquadramento, da distância, dos ângulos, dimensões da duração, o que é novamente problematizado na edição pela concepção da composição, ordens, articulações e suportes.

Nós fizemos uma alusão explícita, nesse processo, à noção de trajeto antropológico de Gilbert Durand (1984), de quem vem a ideia que nós adotamos a propósito da característica do fenômeno da construção das imagens. Compreendemos as imagens fixas e as imagens em movimento como fenômenos que guardam, ao mesmo tempo, um efeito de realidade (ilustração) e um efeito do real (investimento simbólico pelo trabalho de imaginar).

Para bem compreender as imagens no quadro de uma consolidação temporal, é necessário passar da continuidade de seu conteúdo para a solidez da forma. Além disso, importa reconhecer que as imagens são o produto dos arranjos internos dos intervalos perturbados em suas estabilidades entre uma forma e um conteúdo.

A duração de toda imagem fixa, em movimento ou mental, guarda uma referência estreita com a existência de uma hierarquia de instantes ativos sobre um fundo de instantes vazios. A imagem coerente, organizada e consolidada de toda cidade na forma dada, no coração de um sistema visual, coloca em ação as operações discursivas sobre o tempo, dada a capacidade das imagens fixas ou em movimento de produzirem e reproduzirem as formas da vida social que aí se enraízam.

São pinceladas e rastros de cidade do ponto de vida das imagens produzidas pelo etnógrafo e que, segundo o cineasta Jean-Louis Comolli (1995), não são visíveis a não ser na e pela narrativa, não sendo então fruto de uma imagem imediata da realidade, mas uma cidade prenhe de camadas de tempo, “um tempo também de restituição” (Gaudreault; Jost, 1990, p. 103).

Este é um procedimento que reúne as imagens fixas (fotográficas) e as imagens em movimento (videográficas), considerando as imagens enunciadas em palavras, e que nos permitirá refletir sobre a duração que religa nossas imagens àquelas imagens antigas evocadas pela antropóloga entrevistada, assim como nos leva a meditar sobre a ambiência onde essas imagens são criadas, dando pistas da cidade que ela estudou.

Para nós, o ato de pensar as imagens de uma cidade nos coloca o problema da pluralidade das dimensões temporais que contém as formas. No interior das bordas visuais, nós podemos descobrir as figurações de cidade como objetos temporais cujas formas revelam um caráter mais ou menos objetual, a partir do qual seu simbolismo deverá identificado, nominado, reconhecido.

A convergência de sentidos: imagens de uma trajetória narrada, imagens da vida urbana

De uma maneira um tanto esquemática, podemos sugerir que o processo de figuração de uma cidade é ligado aos valores semânticos, estéticos e emocionais nutridos por seu corpo coletivo. Para a etnografia com imagens,

é preciso compartilhar de um mesmo campo visual da cidade com alguns de seus habitantes para ser capaz de se deslocar do figurado para a figuração (a construção da forma da cidade para o sistema visual de numerosos dispositivos técnicos).

Na cidade narrada, é preciso levar em conta, nas narrativas dos habitantes, do campo e do fora de campo de tudo o que é enunciado – uma vez que a cidade manifesta a visão daquele que a vive – um olhar que não se apoia em nenhuma realidade temporal medida, mas que estabelece os laços entre o exterior e o interior das imagens visuais, fixas ou em movimento.

No caso das imagens fixas que compõem o documentário sobre a trajetória intelectual de Ruth Cardoso, nós recorremos, às vezes, aos efeitos de edição das fotos da velha São Paulo com a intenção de modificar a temporalidade do olhar fotográfico. É imperativo aqui motivar o espectador para as diferenças temporais no interior da unidade do espaço de percepção própria à fotografia.

As fotografias da São Paulo dos anos 1930 até os anos 1970 são vistas como rastros no tempo. Seguindo a narrativa do personagem sobre sua experiência de vida na cidade de São Paulo, trata-se de outra forma de pensar o tempo em uma narrativa imagética; desta vez, explorando as variações temporais que religam as imagens fotográficas antigas com a intenção de provar a experiência geracional, de colocar o espectador no lugar do narrador. Por vezes, nós adotamos outro procedimento com a intenção de borrar os tempos presente e passado, o que permite ao espectador ter consciência do presente de seu olhar, na medida em que é forçado a abandonar momentaneamente o presente da ação narrada.

Desta forma, mais do que colocar em evidência a continuidade das ações vividas pela personagem na cidade, nós nos propomos a seguir a estética das lembranças através das quais ela ordena suas experiências citadinas, tendo um olhar fílmico no coração do olhar fotográfico e vice-versa.

Para evitar as imagens etnocêntricas, a primeira etapa consiste em romper com a distinção clássica entre testemunho e imagens para o tratamento da memória coletiva. É preciso reconhecer que as narrativas orais dos personagens, assim como as imagens fílmicas e as imagens fotográficas, têm o mesmo nível de densidade dramática no plano diegético de uma narrativa documental. A primeira etapa é, em consequência, a de identificar as suas características, de situar em cena a palavra do personagem sobre aquilo de que trata o documentário – imagem em movimento, que se nutre de uma

imagem temporalizada, a qual exprime certas condições de ordem entre elas, representando o tempo pelas relações temporais implícitas que desenvolve no interior da imagem. Diferentemente da estética da imagem fixa, a imagem em movimento incorpora o tempo em sua existência mesmo.

Neste sentido, toda imagem, técnica ou mental, engendra a interface de duas estruturas fundamentais da inteligência humana: a da ordem lógica (a consciência) e a da ordem dramática (o inconsciente). A captura de uma imagem graças à utilização dos dispositivos técnicos não escapa a esses princípios que sustentam a fabricação mesmo das imagens mentais no quadro da função transcendental que guia o dinamismo criador da imaginação humana. No BIEV, buscamos propor mais estes jogos de memórias orientadores da pesquisa na etnografia da duração do que detalhar a análise da construção das imagens em seus processos internos.

A imagem fixa ou em movimento revela as dimensões mascaradas de uma realidade sempre difusa – a duração. Para a pesquisa e a produção de filmes “de memórias”, as fotos pesquisadas são editadas com técnica de movimento para chegar a uma espécie de além do campo (o fora do campo daquilo que a câmera capta). No tempo do espectador, isto significa imaginar a cena urbana onde é acionada a narrativa das lembranças das experiências dos antropólogos que pesquisam sobre e na cidade – na cidade que é, ao mesmo tempo, a sua cidade de trajetória intelectual e o sujeito da pesquisa para narrar a cidade.

Para nós, os documentários desta coleção que nos é cara, *Narradores urbanos*, transformam-se em um objeto híbrido, pois a circulação da coleção sugere os pontos de observação e pontos de escuta dos antropólogos que filmaram, dirigiram, captaram o som, entrevistaram; criando uma situação dialógica ao pensamento dos antropólogos sobre as cidades que estudaram; e, ainda, às experiências ordinárias que eles viveram nos contextos urbanos. Os documentários procuram, pois, a restituição das imagens da transformação e das dinâmicas da vida cotidiana nas cidades brasileiras do ponto de vista do campo conceitual da antropologia urbana colocada em questão, refletida, interpretada no âmbito dos estudos sobre as transformações sociais e as dinâmicas culturais no Brasil. No rastro dessa herança interpretativa que o antropólogo e o etnógrafo na e da cidade partilham, evocando imagens de diversas ordens e sentidos (fotográficas, crônicas, poesias, artigos, entrevistas, filmes, sonoridades de rádio e televisão etc.), fica constatado que ele próprio se investe da transcrição da memória coletiva nas cidades, transformando-se em mais um narrador, um antropólogo na figura de um narrador.

Neste sentido, é preciso passar do visível ao inteligível para aceder à figuração da cidade segundo as formas narradas, como a São Paulo que apresentamos neste artigo e no documentário com Ruth Cardoso que, para nós, é uma construção do pensamento teórico da narradora, ao mesmo tempo em que é a narrativa da cidade vivida.

Para alcançar um propósito de documentário tendo por sujeito temático a duração, é imperativo pensar nas ações que nos são contadas pelas elipses temporais, uma vez que uma vida é narrada no fluxo das horas e mesmo em uma corrente de segundos, e que nunca é o tempo real. Trata-se antes do pensamento do tempo. Cada instante narrado contém outros momentos: alguns não precisam ser lembrados e permanecem fora do campo, outros são narrados, selecionados, lembrados, contados.

Dessa forma, nos colocamos no âmbito da dialética da duração segundo Bachelard (1988), ou da inteligência narrativa com Paul Ricoeur (1994). Seguindo os mestres, compartilhamos que o tempo pensado não é contínuo, mas entendido pelos instantes e descontinuidades que diferenciam os tempos uns dos outros, o que faz com que a memória trabalhe tanto para esquecer quanto para distinguir os momentos em que nada se passa. Como nos confia Bachelard (1988, p. 8, 9), “para durarmos, é preciso então que confiemos em ritmos, ou seja, em sistemas de instantes”; uma vez que “o que dura mais é aquilo que recomeça melhor, devemos assim encontrar em nosso caminho a noção de ritmo como noção temporal fundamental”.



Narradores Urbanos – Ruth Cardoso

(vídeo em <http://vimeo.com/31519071> – clique na imagem para acessar)

Título da Produção: Narradores urbanos, antropologia urbana e etnografia nas cidades brasileiras: “Ruth Cardoso”

Ano de entrevista: 2004 / **Ano de finalização de edição:** 2009

Duração: 13 min

Formato: NTSC, Mini-dv

Direção: Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert

Imagens videográficas: Rafael Devos, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert

Imagens sonoras: Viviane Vedana

Edição: Rafael Devos, Viviane Vedana, Anelise Gutterres, Rafael Lopo, Ana Luiza Carvalho da Rocha

Sinopse: Episódio da série documental Narradores urbanos sobre a antropologia urbana e etnografia audiovisual nas cidades brasileiras. A antropóloga Ruth Cardoso narra sua trajetória intelectual e a formação do campo de estudos da cultura urbana no Brasil.

Referências

BACHELARD, G. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *L'intuition de l'instant*. Paris: Stock, 1992.

COMOLLI, J.-L. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995. (Coleção Humanitas).

DURAND, G. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1984.

_____. *Beaux-arts et archétypes*. Paris: PUF, 1989.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

GAUDREAU, A.; JOST, F. *Le récit cinématographique*. Paris: Nathan Cinéma, 1990.

GADAMER, H.-G. *El problema de la conciencia histórica*. Madrid: Technos, 1993.

MACDOUGALL, D. *Transcultural cinema*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

RABINOW, P. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*: vol. I. São Paulo: Papirus, 1994.

_____. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2001.

ROCHA, A. L. C. da. Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. *Revista Eletrônica Iluminuras*, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/issue/view/788>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*: Textos escolhidos de Alfred Schutz. Organização e introdução de Helmut. R. Wagner. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Resumo: O Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS), criado em 1997, reúne um acervo digital de dados etnográficos sobre a memória coletiva, itinerários e formas de sociabilidade nas cidades contemporâneas. Na modalidade de um banco de conhecimento sobre as cidades brasileiras, em especial a cidade de Porto Alegre, o projeto dirige-se à criação de narrativas etnográficas multimídia e à sua circulação na Internet. Para relacionar essas narrativas etnográficas com o campo intelectual de reflexão sobre antropologia urbana no Brasil, criamos, em 2003, um projeto intitulado “Narradores urbanos: estudo da trajetória intelectual de antropólogos brasileiros”, e trazemos neste artigo o exemplo de Ruth Cardoso. A proposta contempla a realização de documentários sobre a geração de antropólogos considerados os pais fundadores da antropologia urbana no Brasil, segundo três etapas. Num primeiro momento, abarcando a etapa de pré-produção, foram escolhidos os expoentes dos principais centros de pesquisa sobre o tema no país: Gilberto Velho (Museu Nacional/UFRJ), Eunice Durham, Ruth Cardoso e José. G. Magnani (USP/SP), Ruben Oliven (UFRGS/RS), Tereza Caldeira e Alba Zaluar (UFRJ). Seguiu-se um cronograma de produção do documentário. Era feito, então, um convite formal a cada um dos antropólogos para refletir sobre o contexto de suas pesquisas em torno da construção das metrópoles contemporâneas no Brasil. O convite era acompanhado de um roteiro de deslocamentos (ora espacial, ora temporal) do antropólogo-narrador no interior dos territórios da metrópole por ele pesquisada. Sempre que possível, o percurso era seguido pelo registro audiovisual das diretoras, elas próprias antropólogas. Em diálogo com essas imagens produzidas durante a entrevista, uniam-se outras, de diferentes procedências: 1. registros sonoros e visuais produzidos pelas próprias realizadoras, fora do contexto de entrevista, em suas experiências etnográficas nas metrópoles em questão, e 2. imagens fotográficas de acervo, geralmente evocadas nas falas dos narradores sobre as cidades por eles estudadas, obtidas na etapa seguinte, a de pós-produção. Nessa etapa, a de produção do roteiro de edição, o quadro conceitual da antropologia urbana era retomado com o estudo das imagens sonoras e visuais, unidas umas às outras, por meio do processo de criação de coleções etnográficas, permitindo, finalmente, que a figura de cada um dos antropólogos, segundo um estilo de antropologia, pudesse emergir.

Palavras-chave: antropologia urbana, antropologia da imagem, cidades brasileiras, trajetória intelectual, memória, etnografia da duração.

Restoring with images an intellectual journey: the trajectory of Ruth Cardoso

Abstract: The Bank of Images and Visual Effects (BIEV/PPGAS/UFRGS), founded in 1997, combines a digital collection of ethnographic data on collective memory, routes and forms of sociability in contemporary cities. In the form of a bank of knowledge about the Brazilian cities, and particularly the city of Porto Alegre/RS/Brazil, the project is aimed at the creation of ethnographic multimedia narratives and their circulation on Internet. To relate

these narratives with the intellectual field which reflects upon urban anthropology in Brazil, in 2003, we developed the project “Urban Storytellers: a study of the intellectual history of Brazilian anthropologists”, and in this article we exemplify the work of Ruth Cardoso. In three steps, the proposal includes the creation of documentaries on the generation of anthropologists considered the founding fathers of urban anthropology in Brazil. At first, covering the stage of pre-production, were selected exponents of the research leading centers on this topic in the country: Gilberto Velho (National Museum /UFRJ), Eunice Durham, Ruth Cardoso and José G. Magnani (USP/ P), Ruben Oliven (UFRGS/RS), Tereza Caldeira and Alba Zaluar (UFRJ). After, it was followed the documentary production schedule. Then, it was given a formal invitation to each anthropologist to reflect on the context of his/her research and its relation to the construction process of Brazilian big cities. The invitation was followed by a road map (spatial and/or temporal) of the anthropologist-narrator within the territories of the metropolis where he/she researched. Whenever possible, the route was followed and recorded by the directors who are anthropologists as well. In dialogue with the images produced during the interview, others from different sources were attached: 1. sound and visual records produced by the filmmakers themselves, outside the context of the interview, in their ethnographic experience in the related cities, and 2. photographic images usually mentioned in the speeches of the narrators concerning the cities they studied, obtained in the next step, post-production. At this stage, the production of the editing script, the conceptual framework of urban anthropology was resumed with the study of audio and visual images, bound to each other through the process of creating ethnographic collections. As a result, the figure of each anthropologist could emerge within a different style of Anthropology.

Keywords: urban anthropology, anthropology of image, intellectual trajectory, memory, Brazilian cities, dialectic of duration.

Recebido em 17/07/2011

Aprovado em 25/07/2011